



Universidade de Brasília
Faculdade de Economia, Administração e
Contabilidade
Departamento de Economia

Curando a doença e matando o inimigo pela linguagem: metáforas e
analogias de Mário Henrique Simonsen

Autor: André de Oliveira Santos
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andrea Felipe Cabello

Brasília – DF
2017

ANDRÉ DE OLIVEIRA SANTOS

Curando a doença e matando o inimigo pela linguagem: metáforas e analogias de Mário Henrique Simonsen

Monografia apresentada ao Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andrea Felipe Cabello

**Brasília
2017**

André de Oliveira Santos

Curando a doença e matando o inimigo pela linguagem: metáforas e analogias de Mário Henrique Simonsen

Monografia apresentada ao Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora: Andrea Felipe Cabello

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Andrea Felipe Cabello

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Daniela Freddo

Membro da Mesa

Brasília, 23 de junho de 2017

RESUMO

Estudos de retórica têm enfatizado a importância de metáforas e analogias nos discursos em Economia. Contudo, no Brasil, apesar do uso desses instrumentos literários serem comuns e da discussão de retórica em Economia ser disseminada em círculos de estudos de metodologia, poucos estudos se focaram nos tipos de metáforas usadas por economistas para descrever seus objetos de estudo. Da descrição da inflação como um dragão a ser combatido ou uma doença a ser curada por um "tratamento de choque" (uma política "*cold turkey*" - outra metáfora em si mesma que mostra que traduções nem sempre são fiéis), a análise de metáforas traz à tona o fato de que algumas ideias são universais enquanto outras são específicas no tempo e no espaço. Este trabalho tem o objetivo de analisar as metáforas e analogias usadas por Mário Henrique Simonsen, um dos mais importantes economistas brasileiros na segunda metade do século XX e um frequente usuário de instrumentos literários. É analisado como isso influenciou a linguagem no debate em vários aspectos durante aquele período. Parte do argumento é mostrar que a escolha da linguagem também tinha impactos no tipo de políticas vistas como adequadas.

Palavras-chave: metodologia, metáforas, retórica, inflação, Simonsen.

ABSTRACT

Rhetoric studies have been emphasizing the importance of metaphors and analogies in discourse in Economics for some time. However, in Brazil, although the use of these literary instruments is very common and the discussion of rhetoric in Economics is somewhat spread in methodological circles, few studies have focused on the types of metaphors Brazilian economists have used to describe the events they study. From the description of inflation as a dragon to be fought or a disease to be cured by a “*tratamento de choque*” (a cold turkey policy – another metaphor in itself, which shows that translation is not always faithful), the analysis of metaphors brings out the fact that some ideas are universal while some are very specific to a time and space. This paper aims to analyze the metaphors and analogies chosen by Mário Henrique Simonsen, one of the most important Brazilian economist in the second half of the Twentieth Century and a frequent user of literary instruments. It is analyzed how this influenced the language of the debate on many issues during that period. Part of the argument is to show that the choice of language also had impacts over what type of policies were seen as adequate.

KEY-WORDS: methodology, metaphors, rhetoric, inflation, Simonsen.

SUMÁRIO

ÍNDICE DE QUADROS

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. O ESTUDO DA RETÓRICA E LINGUAGEM NA ECONOMIA.....	1
3. A LINGUAGEM DA INFLAÇÃO	5
3.1 A LINGUAGEM ECONÔMICA E O PÚBLICO MAIS AMPLO	6
3.2 OS RECURSOS DE LINGUAGEM UTILIZADOS POR SIMONSEN.....	8
CONCLUSÃO.....	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Compreensão da inflação a partir da linguagem	6
---	---

1. INTRODUÇÃO

O uso de recursos linguísticos marcou o debate de inflação tanto na esfera acadêmica, quanto na esfera jornalística. Expressões como dragão da inflação, inflação galopante, inflação crônica dominaram o discurso de economistas e leigos por várias décadas do século vinte no Brasil. Muitas vezes essas expressões foram utilizadas deliberadamente para tentar tornar o conteúdo científico mais claro para a sociedade e explicar a complexidade da situação pela qual passava a economia brasileira.

Esse foi o caso do discurso de Mário Henrique Simonsen, um dos grandes estudiosos do processo inflacionário no Brasil, e que, seja por meio de trabalhos acadêmicos técnicos ou por colunas em jornais e revistas que buscavam o alcance do grande público, tentou, ao longo de sua carreira, convencer seus pares e interlocutores da necessidade de se tomar medidas adequadas para controlar esse processo, que ameaçava a estabilidade da economia brasileira.

Esse trabalho se divide em cinco seções além dessa introdução. A primeira seção discute o estudo da retórica e da linguagem na economia, enquanto a segunda trata especificamente da linguagem utilizada na discussão sobre a inflação. A terceira seção discute a intermediação de linguagem entre o economista e o público mais amplo, a quarta apresenta os recursos de linguagem utilizados por Simonsen. A quinta traz os comentários finais.

2. O ESTUDO DA RETÓRICA E LINGUAGEM NA ECONOMIA

McCloskey (1983) foi a responsável pela disseminação da corrente da retórica na economia. Um dos focos de estudo dessa corrente é a persuasão. No caso da economia, ela estuda como economistas buscam convencer seus pares e os leigos, e engloba o uso de metáforas, estilo de prosa, a relação entre a língua falada e escrita e outros instrumentos literários (BACKHOUSE, 1998).

McCloskey argumentou que os economistas usavam métodos literários como mecanismos retóricos, sendo a analogia e a metáfora seus principais instrumentos¹. Eles permitiam a interpretação de proposições em formas mais familiares e intuitivas de linguagem, intensificando a compreensão.

¹ A literatura considera ainda vários outros tipos de figuras de linguagem como personificação, hipérbole e paradoxo como instrumentos de retórica (HENDERSON, 1998).

O uso de analogias é comum na língua falada, com o objetivo de se transferir o significado de um termo ao outro, geralmente em sentido figurado. Já na ciência, analogias tendem a ter significado muito mais preciso, onde propriedades de um sistema são transferidas para outro – muitas vezes, adaptando-se modelos de outras disciplinas -, buscando um entendimento mais profundo de estruturas e comportamentos (WALLISER, 1998). Antes de McCloskey, alguns estudos foram realizados sobre o uso de metáforas na economia, mas esses foram limitados (HENDERSON, 1998).

De acordo com Boumans e Davis (2010), uma analogia exige transferir um conteúdo de um sujeito (fonte) a outro (alvo), alterando o significado desse último. Seu poder de persuasão depende da similaridade entre os sujeitos e o argumento implícito de que o alvo pode ser entendido em termos da fonte. Uma metáfora seria uma analogia tão bem sucedida que o conteúdo fonte se perde ou se torna irrelevante. Já Henderson (1998) define metáfora como uma situação em que o que está dito ou escrito não é aquilo o que se quer dizer. Malheiros-Poulet (1995) observa que a metáfora não é arbitrária, no sentido que permite uma atualização na semântica do termo utilizado.

Em termos lógicos, Boumans e Davis (2010) argumentam que metáforas e analogias envolvem tipos de raciocínios diferentes daqueles envolvidos na racionalidade dedutiva. Essa última utiliza-se de axiomas e premissas de modo que tudo que é inferido já está implícito nesses axiomas e premissas. Com analogias e metáforas, o tipo de inferência seria diferente – seria introduzida novidade na explicação do sujeito alvo pela atribuição do conteúdo da fonte ao alvo (BOUMANS E DAVIS, 2010).

Dessa forma, para Boumans e Davis (2010), considerar que metáforas e analogias seriam formas de inferência indutiva, mas uma forma especial de indução ao tratar coisas diferentes como tendo similaridades. Assim, para eles, “podemos dizer que o que diferencia esses dois tipos de inferência indutiva é que a forma padrão não produz um novo entendimento, somente generaliza, enquanto a analogia e a metáfora produzem um novo entendimento”² (BOUMANS E DAVIS, 2010, p. 161).

Já na opinião de Walliser (1998, p. 8), “uma analogia primeiramente relaciona duas entidades estranhas ao estabelecer uma correspondência um-para-um entre alguns dos seus

² “We may say that what distinguishes these two types of inductive inference is that the standard form does not produce novel understanding, but only generalizes, whereas analogy and metaphor produce novel understanding”.

respectivos atributos, e então expande essa correspondência ao respectivo fenômeno que liga esses atributos.” Podemos dizer ainda que, para o mesmo autor, uma analogia é pedagógica se tenta popularizar um modelo ao apelar à intuição, ou usar a ilustração de outro campo.

Boumans e Davis (2010) citam como exemplo de analogia a teoria do capital humano que transfere a estrutura das relações do investimento financeiro para se referir a questões de treinamento e educação. Como exemplo de metáfora, os autores citam o termo teoria dos jogos, que, segundo eles, tem sua fonte em diversos jogos como os de tabuleiro e cartas que foram estudados por John Von Neumann (no caso, sua inspiração teria sido o pôquer) e outros estudiosos por seu tipo de interação entre jogadores. Eles argumentam que o fato de o estudo ter começado com jogos propriamente ditos não teria a menor importância quando se fala em um “jogo”, já que, hoje em dia, esse termo está relacionado a alguns tipos de interações estilizadas.

Já Olivera (1998) cita duas abordagens referentes à metáfora: a primeira considera a metáfora como um fenômeno linguístico não essencial ao agente cognitivo, pois não alteraria a maneira como as pessoas estruturariam conceitos. Aqui, a metáfora não seria necessária para a expressão, mas para “embelezar” a mensagem. Já a segunda abordagem considera a metáfora como um elemento natural e central da linguagem – ela serviria uma função cognitiva permitindo enxergar um conceito pelo outro.

McCloskey (1990) ainda argumenta que o discurso de economista também pode ser caracterizado pela prática do *storytelling*, ou seja, a prática de se contar histórias, proporcionando descrições intuitivas que permitiriam uma melhor compreensão para modelos cada vez mais técnicos.

No Brasil, a ideia de retórica teve bastante difusão, com o trabalho de Arida, primeiramente disponível como texto para discussão na PUC-Rio em 1983. Em 1996, Rego e Gala organizaram um livro sobre o assunto com diversos colaboradores de peso. Além disso, em periódicos importantes há colaborações importantes, como por exemplos as diversas contribuições de Paulani (1999, 2006).

Arida (1984, [2003], p. 39-40) introduz no debate brasileiro a ideia que “todo argumento retórico é irremediavelmente metafórico; a metáfora é um instrumento do pensamento e não um recurso de exposição; disso sabem todos os teóricos da retórica, de Aristóteles a Perelman. Mas os economistas praticam a retórica sem o saber e, o que é pior,

dela desconfiando; o argumento que se apresente como menos carregado de metáforas tem maior poder de plausibilidade. A metáfora atinge o máximo de eficiência retórica no início do debate ou na apresentação de certas proposições originais: no decorrer dos debates, tenta-se prescindir de sua ajuda ou praticar, para usar um termo caro a Bachelard, sua redução.”

Apesar de ter gerado uma literatura extensa sobre o tema, Paulani (2006, p. 13) fez um balanço negativo sobre o alcance desse tipo de análise: “a despeito da acolhida extremamente favorável que teve por parte dos economistas alheios ao *mainstream*, o trabalho de McCloskey não teve rigorosamente nenhuma consequência para o andamento do ofício acadêmico dos economistas, a não ser (...) a criação de mais um nicho especializado de discussão. Os polêmicos debates que gerou não afetaram em nada, nem a forma de se fazer essa ciência na acadêmica, nem sua relação com o mundo externo.”

Apesar dessa visão negativa sobre o alcance da análise do discurso na academia, pouca atenção foi dispensada à relação entre o discurso dos economistas e a receptividade dos leigos à fala dos economistas. Essa preocupação de adequação de linguagem à audiência é tratada por Lessa e Earp (2007) que, sem citar a visão de retórica, contextualizam a ideia de sobrevivência de uma corrente teórica, pelo seu sucesso no debate econômico. De acordo com eles: “O saber econômico divide-se em diversas escolas de pensamento que vivem em permanente tensão. O sucesso de cada escola depende da vitória em uma série de debates que lhe permite arregimentar adeptos, travados tanto no interior da tribo de especialistas quanto entre estes e seus aliados leigos. (...) os diferentes graus de especialização entre os participantes fazem como que as ideias sejam apresentadas em quatro versões com distintos graus de complexidade. A primeira versão, que chamaremos de V1, trata dos fundamentos da doutrina e constitui seu *hard core*; é um construto hermético, acessível apenas àqueles que dedicaram longos anos ao estudo. A segunda versão, V2, trata das mesmas questões com mais simplicidade, examinando menos variáveis e sendo acessível a qualquer profissional que tenha passado com sucesso pelo treinamento padrão. Esta é, portanto, a *língua franca* da profissão, só podendo ser chamado de economista quem dela entenda e nela seja capaz de se expressar. A terceira versão, V3, é a propedêutica, ainda mais simplificada e apresentada com graus progressivos de complexidade aos estudantes; seu meio de expressão por excelência são os manuais universitários e o sucesso no aprendizado conduz ao domínio da V2. Finalmente, temos a versão massificada, que expõe os problemas na forma hipersimplificada destinada à

compreensão do grande público, a V4; esta é a que se envolve nos debates políticos de cada momento” (LESSA E EARP, 2007, p. 215-216).

3. A LINGUAGEM DA INFLAÇÃO

A análise de linguagem exige o reconhecimento de que alguns termos são socialmente específicos. Isso significa que nem sempre traduções conseguem ser fiéis ao significado que se buscou trazer em outro idioma. Nesse sentido, pode-se afirmar que metáforas são culturalmente específicas (OLIVERA, 1998). Um exemplo disso é o termo tratamento de choque (muito usado por Simonsen, como será discutido adiante) em português e *cold turkey* em inglês – ambas metáforas, ambas referentes ao mesmo tipo de política anti-inflacionária, entretanto com origens bem diferentes.

Apesar dessa especificidade cultural de linguagem, pode-se falar, entretanto, em metáforas universais, que transcendem idiomas devido à proximidade cultural e ascendência comum de muitos países ocidentais (OLIVERA, 1998).

No caso específico do estudo de metáforas sobre inflação, analisando a tradução do capítulo 12 do livro *Economics* de Samuelson e Nordhaus para o Espanhol, que tratava da definição e dos custos da inflação, Olivera (1998) identificou quatro grandes conjuntos de metáforas:

- i) A inflação é um organismo.
- ii) A inflação é um cavalo.
- iii) A inflação é uma doença.
- iv) A inflação é um inimigo.

Como será evidenciado adiante, essas categorias são aplicáveis ao discurso de Simonsen, pelo seu apelo universal. Entretanto, algumas especificidades emergirão, tanto da realidade brasileira, quanto do discurso próprio do autor.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), pode-se afirmar que essas metáforas já são metáforas “convencionais”, no sentido que elas estruturam no sistema conceitual acerca da inflação do dia-a-dia, pois já fazem parte da nossa linguagem do cotidiano. Apesar de aparentemente universais, metáforas podem ser apropriadas, pois têm um conteúdo

parcialmente culturalmente determinado, ligado a experiências passadas, já que culturas diferentes têm estruturas conceituais diversas moldadas por realidades diferentes.

3. 1 A LINGUAGEM ECONÔMICA E O PÚBLICO MAIS AMPLO

No Brasil, o uso de metáforas e analogias para se discutir inflação não se limitou à esfera acadêmica, pois essa foi uma discussão que ao longo da década de 1970 e 1980 esteve muito presente em veículos de comunicação, inclusive com a participação de economistas, como Simonsen, com suas colunas semanais na revista EXAME, por exemplo.

Weinsten (1992), tratando da experiência norte-americana, descreve como alguns anos antes economistas se mantinham distantes da mídia e não sabiam se comunicar com o público por meio desta. Segundo ele, no início da década de 1990, essa realidade já teria se modificado, pois jornalistas já teriam a sua disposição, sempre que necessário, comentários sobre as mais diversas questões em linguagem acessível.

Alguns, como Malheiros-Poulet (1995), ainda enxergam o papel do jornalista como necessário para intermediar o discurso mais técnico do economista e do público mais leigo. Essa visão difere, por exemplo, da de Lessa e Earp (2007), já que esses acreditam que os economistas são capazes de alterar seu discurso de acordo com seu público.

Malheiros-Poulet (1995) analisa a linguagem adotada pela revista VEJA entre 1986 e 1990. Segundo ela, haveria três matrizes para a compreensão da inflação:

Quadro 1. Compreensão da inflação a partir da linguagem

Visão dos Especialistas

Linguagem especializada – ministros e economistas “Termo científico e técnico adquire seu valor específico somente no discurso entre especialistas”

Visão da Imprensa

Mediatização entre o sentido dos especialistas e o sentido vivido pela população. “A imprensa transforma a informação para exagerá-la ou para simplificá-la. A difusão do fenômeno inflacionário ocasiona: perda do valor da substância do conteúdo da linguagem técnica especializada; mas ela traduz também o

inconsciente coletivo (cf. metáfora do dragão).”

Visão da População

Estima que 30% da população seria consumidora potencial de veja e experimentaria a inflação por perda de poder de compra, desemprego, instabilidade.

A representação seria por meio do “Monstro – medo do irracional”

“O leitor é persuadido do que compreende.”

Fonte: Malheiros-Poulet (1995), simplificado.

Uma das críticas que se pode fazer a essa esquematização é que Malheiros-Poulet (1995) credita o uso de metáforas e persuasão à imprensa somente, mas essas técnicas estão presentes no que ela chama de especialistas, como será demonstrado a seguir. A linguagem técnica também percebia a necessidade de se convencer com as metáforas utilizadas amplamente na sociedade e essa linguagem era tão difundida que não se pode afirmar que se tratava mais de uma mediação entre o sentido dos especialistas e o sentido vivido pela população: estava incorporado ao sistema conceitual relacionado ao tema.

De fato, muitos dos exemplos que Malheiros-Poulet (1995) cita de VEJA nessa época serão bem parecidos com o que se encontrará nos trabalhos de Simonsen: “Como proteger seu dinheiro” (06/08/1986) e “Um guia para enfrentar a inflação” (31/08/1988), ligadas à metáfora de inimigo; “A agonia do Cruzado” (10/01/1990) e “O choque do Verão” (18/01/1989) e “Cirurgia sem dor ... Cortes no orçamento” (24/08/1988) para a metáfora de doença já mencionadas.

No Brasil, a metáfora mais conhecida talvez seja a metáfora do dragão: “O monstro está solto” (13/05/1987) e “O dragão irado” (28/12/1988), por exemplo. Malheiros-Poulet (1995) observa que a cauda do dragão é muitas vezes utilizada para representar a curva da inflação. Além disso, haveria um espaço para o sincretismo religioso, já que a figura de São Jorge também seria comumente representada combatendo o dragão, dando espaço para as metáforas “macumba econômica” e “vodu de preços”.

Na opinião de Malheiros-Poulet (1995, p. 105), “a inflação é pois percebida como um elemento externo à política governamental, que se esforça em combatê-la. Mesmo quando é dito explicitamente que o culpado da inflação é o governo, há sempre referências a fatos passados (governo militar) ou futuros (Collor). O papel negativo do governo é sempre ocultado. Esse tipo de metáfora dá-lhe uma ampla liberdade de ação.”

3.2 OS RECURSOS DE LINGUAGEM UTILIZADOS POR SIMONSEN

Simonsen utiliza recursos linguísticos como metáforas, analogias e até mesmo piadas em praticamente todos os seus textos. No entanto, a frequência com que esses recursos são utilizados varia com o público alvo do trabalho, de forma bastante consciente. Ele utiliza as metáforas principalmente naqueles textos mais descritivos e mais acessíveis ao público menos versado em matemática e estatística, mesmo em livros voltados para o público especializado. Parece haver uma preocupação clara com o convencimento, mas principalmente com a linguagem adequada a cada público e veículo.

Em artigos mais técnicos, que poderiam ser considerados, na classificação de Lessa e Earp (2007) como exemplos de V1 ou V2, o uso desses recursos é bem mais escasso, ou então o tipo de metáfora utilizada se restringe àquelas mais já comumente adotadas pela literatura, como se o autor buscasse não introduzir, em um artigo mais técnico, uma linguagem mais informal. Esse é o caso, por exemplo, dos capítulos centrais do livro *Gradualismo X Tratamento de Choque*, dos seus livros didáticos *Dinâmica Macroeconômica*, seus livros de Macroeconomia e Microeconomia, além de artigos que envolviam modelagem. Nesses casos, quando ocorrem, as metáforas são geralmente como advérbios e adjetivos e não necessariamente são particulares à linguagem de Simonsen (como exemplos, podemos citar a inflação galopante, a realimentação da inflação, entre outros).

Já em artigos que buscam um público mais amplo, mesmo em trabalhos acadêmicos, como os capítulos do livro *Gradualismo X Tratamento de Choque*, trabalhos com maior descrição de dados e sem modelos matemáticos, ou ainda em suas colunas de revista, que na classificação de Lessa e Earp (2007) podem ser considerados V3 e V4, o uso de metáforas e analogias é bastante disseminado.

Essa escolha de linguagem parece ser deliberada. O tema comum da maior parte dos artigos de Simonsen sobre a inflação é que essa é um mal que deve ser combatido, uma doença que deve ser curada – não é à toa, portanto, que das quatro categorias acima, as duas últimas são as mais utilizadas por ele. Sua insistência em uma semântica pertinente à mensagem que ele busca transmitir mostra a escolha deliberada de palavras e a preocupação com o convencimento do interlocutor.

E ele mesmo admite isso ao descrever sua abordagem em *Gradualismo X Tratamento de Choque*: “Embora o problema da inflação seja do interesse do grande público, a análise

pormenorizada dos fatos ocorridos entre 1964 e 1969 dificilmente pode ser desenvolvida sem certa mistura da linguagem matemática com o jargão hermético dos economistas. Para atender aos dois grupos de leitores, o presente trabalho adotou uma vestimenta híbrida. Os dois capítulos iniciais (baseados em artigos do autor para as publicações da APEC) e os dois últimos usam a linguagem corrente acessível a uma audiência bastante ampla. Os capítulos centrais, relativos à teoria da inflação e à sua aplicação ao caso brasileiro, apelam para uma linguagem menos popular e que se dirige predominantemente aos profissionais e estudiosos da economia” (SIMONSEN, 1970, p. 7-8).

Isso não significa que essas duas categorias sejam as únicas utilizadas por Simonsen. Alguns exemplos ainda podem ser classificados em mais de uma categoria, como poderá ser visto adiante.

Antes de prosseguir com a análise da linguagem específica³, um último comentário - curiosamente, durante a leitura, em momento algum foi visto Simonsen utilizar a metáfora mais significativa do processo inflacionário brasileiro: o dragão da inflação.

O primeiro caso, da inflação como um organismo, passaria a ideia de que a inflação é um ser, uma entidade autônoma, independente. Os exemplos que Olivera (1998) cita de Samuelson são: “*we are living in the age of inflation*”; “*inflation is as old as a market economy*”. Em relação a esse primeiro tipo, nos textos de Simonsen, o tipo mais comum é a própria ideia da inflação como um organismo que se realimenta, presente em toda a sua obra. Por exemplo,

- i) “**A inflação, no Brasil, se realimenta** por decreto”.⁴
- ii) “Menos a política salarial e a Previdência Social. A primeira mantém-se firme para **realimentar a inflação** e agravar o desemprego.”⁵

Entretanto, outros exemplos que fogem a essa questão da realimentação podem ser colocados:

- iii) “Na realidade, o **combate à inflação** envolve dois grupos de medidas. O primeiro consiste em **retirar seu oxigênio**, a expansão monetária e os déficits fiscais.”⁶
- iv) “A **eutanásia da inflação** por reformas monetárias não constitui novidade.”⁷

³ Os exemplos citados aqui não pretendem esgotar a análise de linguagem, mas apenas exemplificar.

⁴ Anatomia da estagflação. Simposium, ano 2, n.24, fev./mar/ 1984.

⁵ Ensaio de futurologia para 1982, VEJA, n. 696, 06/01/1982.

⁶ Anatomia da estagflação. Simposium, ano 2, n.24, fev./mar/ 1984.

- v) “Se for excessivamente rápida, a **inflação ressuscitará** sob a ignição do excesso de demanda.”⁸
- vi) “O inercialismo lembra que, após um processo inflacionário crônico, os agentes econômicos aumentam salários e remarcam preços por reflexo condicionado, abrindo apreciável espaço para a **inflação anaeróbica.**”⁹
- vii) “Limitando a emissão de moeda, o Banco Central corta o **fôlego da inflação.**”¹⁰

O segundo, da inflação como um cavalo – a ideia da “inflação galopante” – é bem difundido na literatura e imprensa brasileira e também é presente em Simonsen em vários momentos. Ela está presente repetidas vezes em trabalhos como *Gradualismo X Tratamento de Choque* até suas colunas da Revista Exame, entretanto, sem grandes variantes.

Já o terceiro, da economia como uma doença – “níveis de severidade diferentes”; “*virulent strains of inflation*”¹¹ – foi bastante utilizado por Simonsen, fazendo parte de seu argumento central de que a inflação é um mal a ser curado. Essa categoria, juntamente com a próxima, de que a inflação é um inimigo, são amplamente utilizadas, ocorrendo, esporadicamente, inclusive, em textos mais técnicos. Nesse caso, expressões como “inflação crônica” são recorrentes. Como outros exemplos, temos:

- viii) “Diga-se de passagem, a tolerância de muitos sindicatos das classes produtoras, **viciados pelas práticas inflacionárias** [...]” (Simonsen, 1970, p.32)
- ix) “A URV nasceu segundo o mesmo princípio: os agentes econômicos, **viciados pela inflação** de 40% ao mês do cruzeiro real”¹²
- x) “[...] **sintomas claros de uma inflação** que avança mais depressa do lado dos custos que da procura.” (Simonsen, 1970, p.32)
- xi) “(...) degeneram na tentativa de esconder o processo inflacionário pelos seus **sintomas**” (Simonsen, 1973, p.21)
- xii) “(...) foi delineada no **diagnóstico da inflação brasileira** [...]” (Simonsen, 1970, p.41)
- xiii) “(...) um **exame da inflação** no Brasil não pode prescindir de **cuidadoso diagnóstico**” (Simonsen, 1979a, p.4)

⁷ As experiências de prefixação. Carta Mensal Convenção, abr. 1984.

⁸ O cruzado e a política monetária. Carta Mensal Convenção. Mar. 1986.

⁹ Monetarismo X Inercialismo. Carta Mensal Convenção, abr. 1986.

¹⁰ A Terceira Lei de Newton fornece a solução. Exame, ano 21, n.9,03/05/1989.

¹¹ Os exemplos que Olivera (1998) cita de Samuelson.

¹² É hora de sair de cima do muro. Exame, ano 26, n.9, 27/04/1994.

- xiv) “A primeira é a **terapêutica infalível** para a inflação de demanda.” (SIMONSEN, 1970, p.79)
- xv) “Se um país começa um programa de estabilização, sua experiência recente deve ter sido a de uma **inflação algo indigesta.**” (SIMONSEN, 1970, p.81)
- xvi) “psicologia inflacionária” (SIMONSEN, 1979b, p. 5)
- xvii) “fenômeno bem menos patológico” (SIMONSEN, 1979B, p. 27)
- xviii) “espasmos de reajuste (SIMONSEN, 1979B, p. 34)
- xix) “**Reduzir a inflação** é submeter a economia a uma **dieta de emagrecimento**. Um orçamento austero **corta calorias e carboidratos.**”¹³
- xx) “E os resultados de janeiro e fevereiro prenunciam que 1984 não deverá ser um ano de moderação dos preços, ainda que se **cumpra a dieta rigorosa** do FMI.”¹⁴
- xxi) “É praticamente impossível **combater a inflação sem efeitos colaterais temporários** sobre o produto e sobre o emprego.”¹⁵
- xxii) “Em primeiro lugar, há a correção monetária que incentiva o consumo e a que premia a poupança. A **eutanásia** desta última seria o **suicídio inflacionário.**”¹⁶
- xxiii) “Mas esse [baixa de juros] é um **tratamento tóxico** e que a exacerbação inflacionária não tarda de inutilizar.”¹⁷
- xxiv) “Pode-se alegar também que, em matéria do receituário do FMI, **pagamos a consulta mas nos esquecemos de tomar os remédios** e, por isso mesmo, estamos na quinta carta de intenções. Sucede que os estouros das metas acordadas com o fundo resultaram de uma inflação além das expectativas e que **se transmitiu** aos encargos da dívida pública.”¹⁸

Até aqui, percebe-se o uso da semântica de doença sem nenhum objetivo claro. Entretanto, em toda sua obra está a discussão do processo de combate à inflação e seus custos para a sociedade. A ideia seria que medidas diferentes teriam custos diversos relacionada a tratamentos ou receituários diferentes provocando níveis de dor diversos:

- xxv) “(...) para que o processo de estabilização não envolva excessivas **dores de reajustamento. Esse tratamento** representa (...)” (SIMONSEN, 1970, p.167)

¹³ Orçamento e política monetária. Carta mensal Convenção, fev. 1982.

¹⁴ Anatomia da estagflação. Simposium, ano2, n.24, fev./mar/ 1984.

¹⁵ As vicissitudes da política monetária. Simposium, ano1, n.1, mar. 1982.

¹⁶ Correção monetária e realimentação inflacionária. Carta mensal Convenção, jul. 1982.

¹⁷ A encruzilhada. Simposium, ano2, n.19, set./out/ 1983.

¹⁸ Anatomia da estagflação. Simposium, ano2, n.24, fev./mar/ 1984.

- xxvi) “política anti-inflacionária indolor” (SIMONSEN, 1985, p. 8)
- xxvii) “Em matéria de **combate indolor à inflação**, uma experiência: a das **epidemias hiperinflacionárias (...)**”¹⁹
- xxviii) “**Combater a inflação com o mínimo de sacrifícios é a pedra filosofal** que intriga os economistas e administradores de política econômica. Nunca o assunto foi tão debatido quanto nos últimos 10 anos. E nunca **combater a inflação pareceu um problema mundial tão indigesto** quanto nos últimos tempos.”²⁰
- xxix) “(...) um Govêrno que pretenda pôr em prática um programa de estabilização deve estar preparado para enfrentar as defasagens politicamente ingratas entre **a aplicação dos remédios e a obtenção da cura.**” (SIMONSEN, 1970, p.180)
- xxx) “(...) merece ser **tratada** com os ambos os tipos **de remédios (...)**” (Simonsen, 1979b, p.5)
- xxxi) “(...) Como baixar a inflação com o **máximo de anestesia?** [...] Se os sacrifícios forem grandes e os resultados pequenos, é provável que a sociedade acabe trocando os administradores. É muito possível que os **novos médicos** não consigam melhores resultados que os antigos, e que o drama repita.” (SIMONSEN, 1979a, p. 3)

Simonsen também vai ao longo de sua carreira discutir o papel de políticas de rendas, em especial congelamentos de preços e salários, no combate à inflação. Sua visão era de que, enquanto essas políticas poderiam ser úteis em alguns momentos, elas nunca poderiam ser as únicas utilizadas:

- xxxii) “O tabelamento talvez fosse apenas a tentativa de **curar a febre quebrando o termômetro. Guardemos os termômetros, mas tratemos de diagnosticar a febre, para poder curá-la.**” (SIMONSEN, 1979b, p.19)
- xxxiii) “Esses exemplos mostram que em economia há duas maneiras de ver as coisas, a onírica e a pragmática. Os sonhadores imaginam que a **febre cessa quando se quebram os termômetros**: baixam-se os juros porque foram tabelados, e aumentam-se os salários reais por decreto. Os pragmáticos, com mais cautela, julgam que o povo quer mais pão e menos circo.” (SIMONSEN, 1979b, p.34)

¹⁹ O Alcance da Política monetária. Carta mensal Convenção, jun. 1981.

²⁰ Orçamento e política monetária. Carta mensal Convenção, fev. 1982.

- xxxiv) “Isso sem falar **na troca do índice oficial de inflação**, o que cheirava a mais uma tentativa de **curar a febre quebrando os termômetros**.”²¹
- xxxv) “(...) a menos que se mude a lei salarial, **a inflação brasileira não pode ser curada rapidamente pelo mais competente dos monetaristas**.”²²
- xxxvi) “Os inercialistas puros são cientificamente mais honestos, e por isso mesmo mais expostos ao aplauso ou à vaia da evidência empírica. **O Plano Cruzado, no Brasil, foi uma brilhante cirurgia destinada a extirpar o tumor da inflação inercial. O problema é o tratamento pós-operatório**, que agora precisa ser cuidadosamente ortodoxo.”²³
- xxxvii) “Esses trunfos são, sem dúvida, importantes, mas não se deve pensar que o cruzado dispensa **um cuidadoso pós-operatório**. Não é o caso de imaginar que um **recém-safinado possa desfilhar como destaque de uma escola de samba**.”²⁴
- xxxviii) “Em 28 de fevereiro o Plano Cruzado foi aplaudido por todo o Brasil como uma **cirurgia brilhante**: tratava-se de romper a inflação inercial, em que os salários e preços subiam a **galope** porque todos achavam que os demais salários e preços continuariam aumentando na **mesma febre de reajustes e remarcações**. Cortar a inflação **pela receita ortodoxa da austeridade monetária e fiscal** não era a solução hábil para liquidar com altas de preços de 15% a 20% ao mês, pois os preços poderiam prosseguir numa **corrida anaeróbica**, e que só se conseguiria **estancar depois de muito sangue, suor e lágrimas**, ou seja, de uma vastíssima recessão.”²⁵
- xxxix) “É óbvio que, para isso, o congelamento deve limitar-se a um breve período, em que a **cirurgia heterodoxa** é complementada por um **cuidadoso pós-operatório ortodoxo**.”²⁶
- xl) “Na realidade, **o choque heterodoxo é a anestesia, o ortodoxo, a cirurgia**. Em 1986, o **anestesista ficou tão entusiasmado com a sua capacidade de adormecer a inflação que se esquece de chamar o cirurgião**. Torçamos para que, desta vez, o cirurgião efetivamente entre em cena. Seu trabalho certamente será mais árduo do que teria sido no ano passado, pois **qualquer excesso de**

²¹ Um pacote embrulhado. VEJA, n. 900, 04/12/1985.

²² Os diagnósticos da inflação. Carta Mensal Convenção, jan. 1985.

²³ Monetarismo X Inercialismo. Carta Mensal Convenção, abr. 1986.

²⁴ Aproveitando a lição de 1973. Brasil em Exame, maio 1986.

²⁵ Ascensão e queda do choque heterodoxo. Carta Mensal Convenção, Nov. 1986.

²⁶ Ascensão e queda do choque heterodoxo. Carta Mensal Convenção, Nov. 1986.

anestesia pode matar o paciente por choque anafilático. O paciente, inclusive, pode, por tal premonição, resistir à própria anestesia.”²⁷

- xli) “No ano passado, o Plano Cruzado começou a implodir no momento em que o governo acreditou que era possível **combater a inflação pela psicanálise**. O Novo Cruzado começa com uma desvantagem da qual nenhuma culpa cabe ao ministro Bresser-Pereira: **a população anda descrente dos psicanalistas da economia.**”²⁸

Os dois últimos exemplos desse caso ilustram a oposição entre o gradualismo como método de combate à inflação e “tratamentos de choque”, métodos mais rápidos, e a suposta ineficácia do primeiro:

- xlii) “As principais objeções a essa metodologia²⁹ não eram, evidentemente, de cunho teórico mas **psicológico**: duvidava-se de que os Governos pudessem ter bastante pertinácia para levar adiante um programa dessa natureza, da mesma forma pela qual **se desconfia dos tabagistas que resolvem reduzir os cigarros aos poucos.**” (SIMONSEN, 1973, p.25)
- xliii) “A aversão nacional ao tratamento de choque parece resultar de associações puramente semânticas. Todos gostariam que os preços se estabilizassem de um só golpe, mas a palavra “choque” lembra as convulsões de um condenado à cadeira elétrica, ou o remédio que cura a doença matando o paciente. De fato, os tratamentos de choque modernos procuram minimizar os efeitos colaterais da política antiinflacionária, poupando todas essas convulsões.”³⁰

O quarto, a economia como um inimigo, está relacionado com o poder destrutivo da inflação e algo a ser combatido: “*inflation distorts relative prices*”; “*inflation destroys information*”, também é comum nos trabalhos de Simonsen, apesar que de forma muito mais enfática, com a noção de guerra, disputa, combate muito mais clara. A própria ideia de combate à inflação já faz referência à noção de que essa seria um inimigo.

- xliv) “ameaça inflacionária” (SIMONSEN, 1970, p.19)
- xlvi) “a inflação foi violentíssima.” (SIMONSEN, 1970, p.32)

²⁷ Pacote de jura de namorado. VEJA, n. 980, 17/06/1987.

²⁸ Pacote de jura de namorado. VEJA, n. 980, 17/06/1987.

²⁹ A metodologia do gradualismo no combate à inflação.

³⁰ Inflação: gradualismo versus tratamento de choque. Carta Mensal Convenção, fev. 1986.

- xlvi) “E, em vários pontos da América Latina, brotou uma flora de pensadores “estruturalistas” que procuravam provar que **a inflação violenta era ingrediente** indispensável ao desenvolvimento econômico.” (SIMONSEN, 1973, p.6)
- xlvii) “Numa economia indexada, **a inflação não se combate com pacotes episódicos, mas com diária luta corpo a corpo.**” (SIMONSEN, 1979B, p.13)
- xlviii) “(...) **maiores vítimas da inflação**, pela contínua erosão do seu poder aquisitivo” (SIMONSEN, 1979b, p.29)
- xlix) “Os governantes podem ser **derrotados tanto pela inflação** quanto pelo desemprego, e eu diria até mais, a inflação talvez seja pior, eleitoralmente, do que a recessão.” (SIMONSEN, 1976, p. 35)
- l) “Muitos países do mundo atual, como o Brasil, os EUA e a Inglaterra, **combatem a inflação com uma única arma**, a política monetária. Trata-se certamente do **mais poderoso instrumento do arsenal** antiinflacionário, no sentido de que a médio e longo prazo há evidente grau de parentesco entre as taxas de inflação e as de expansão monetária.”³¹
- li) “Pelos padrões internacionais, o passo errado é do sistema brasileiro, que gerou formidável inflação inercial, e que **a política monetária combate com eficiência igual à dos soldados americanos na Guerra do Vietnã.**”³²
- lii) “êsses foram os princípios da **estratégia antiinflacionária** adota pelo Governo Costa e Silva.” (SIMONSEN, 1970, p.43)
- liii) “Coordenando todas **as peças do xadrez antiinflacionário**, o Brasil poderia livrar-se do estigma de economia superinflacionária sem sacrifícios do desenvolvimento econômico.”³³
- liv) “Mas rapidamente mudaram de opinião com os **disparos gerais dos preços** a partir de março”³⁴
- lv) “O **arsenal heterodoxo** se resume a quatro instrumentos”³⁵
- lvi) “Para os heterodoxos, **a Polícia Federal é um agente poderoso de combate à inflação** numa economia de mercado”³⁶

³¹ As vicissitudes da política monetária. Simposium, ano1, n. 1, mar. 1982.

³² Um esboço de reforma monetária. Carta Mensal Convenção, set. 1984.

³³ Os diagnósticos da inflação. Carta Mensal Convenção, jan. 1985.

³⁴ As vicissitudes da política monetária. Simposium, ano1, n. 1, mar.1982.

³⁵ A revolução das cobaias. Exame, ano 23, n. 473, 20/02/1991.

³⁶ A revolução das cobaias. Exame, ano 23, n. 473, 20/02/1991.

- lvii) “(...) a equipe está conseguindo devolver os cruzados novos bloqueados sem detonar a tão **temida hiperinflação**.”³⁷

Nessa temática, observa-se, na discussão de combate à inflação por meio de um choque instantâneo, a ideia de um “golpe”, como por exemplo:

- lviii) “tornar-se impossível combater a inflação de um golpe.”³⁸
- lix) E ainda a possibilidade de amenizar os efeitos nocivos tanto da inflação quanto das crises de estabilização, como se fosse possível negociar uma “convivência pacífica”:
- lx) “tal fórmula representa uma tentativa de neutralização dos efeitos inflacionários, isto é, um método de **convivência pacífica com a inflação**.” (SIMONSEN, 1970, p.15)

Essas classificações, entretanto, não esgotam as possíveis categorias que poderíamos elencar para as metáforas listadas por Simonsen. Em outras metáforas, fica clara sua visão de que a inflação é um processo, que uma vez iniciado, dificilmente é contido:

- lxi) “Ainda assim, uma alta de preços da ordem atual, sobretudo tendo que arcar, como custo da quase-neutralidade, com um elevado coeficiente de realimentação, **é uma espécie de barril de pólvora sobre o qual estamos sentados**.” (SIMONSEN, 1970, p.213)
- lxii) “Trata-se, em suma, da reprodução matemática da velha piada que assimila **uma pequena inflação a uma pequena gravidez**.” (SIMONSEN, 1973, p.6)
- lxiii) “A mistura monetário-cambial usada pelo Banco Central, a zeragem automática da caixa dos bancos pela compra ou venda de títulos públicos e a indexação diária da taxa de câmbio são **trinitroglicerina inflacionária**.”³⁹
- lxiv) “Nesse ponto **a inflação escorrega como se estivesse patinando no gelo**.”⁴⁰
- lxv) “**O coquetel explosivo gera equilíbrios inflacionários perversos** em que o ajuste das contas públicas e os altos juros reais são necessários para evitar que a inflação se acelere pelas pressões de demanda”⁴¹
- lxvi) “O resultado só poderia ser a **explosão da taxa inflacionária**.”⁴²

³⁷ O inventário da década perdida. Exame (edição especial) 04/03/1992.

³⁸ Desindexação e reforma monetária. Conjuntura Econômica, 38(11), Nov. 1984.

³⁹ Fechar não é só uma velha idéia. É tola. Exame, maio 1994.

⁴⁰ A URV precisa de algo mais para funcionar. Exame, ano 26, n. 3, 02/02/1994.

⁴¹ O que é que Fernando Henrique pretende. Exame, ano 25, n. 25, 08/12/1993.

- lxvii) “**Só que, depois do calote externo, a inflação subiu para a estratosfera, e viemos ladeira abaixo.**”⁴³
- lxviii) “Uma hipótese mais remota, mas não de todo impossível, seria a **combustão espontânea da inflação** pela chamada “instabilidade de Cagan” – um fantasma que todo monetarista procura ignorar.”⁴⁴

Observa-se também uma insistência de que, no Brasil, a história do combate à inflação foi um aprendizado coletivo, não só dos economistas, mas da sociedade como um todo, e isso aparece também na linguagem escolhida. Isso é considerado principalmente nas consequências da inflação sobre a eficácia das políticas de estabilização e métodos para driblar a corrosão do poder de compra:

- lxix) “Os brasileiros, na sua infinita paciência, estão aprendendo a conviver com a URV, esta curiosa espécie concebida **nos laboratórios econômicos** da PUC-Rio (...)”⁴⁵
- lxx) “E assim, a inflação, aos trancos e barrancos, **nos transforma em banqueiros, bancários, ou pelo menos financistas.**”⁴⁶
- lxxi) “O problema é que o fazer para conseguir que a nova moeda seja estável. Depois das incursões heterodoxas da década passada, parecer **haver consenso num ponto:** o déficit público é o grande culpado pela inflação. O **consenso é o resultado** de uma analogia muito superficial, déficit é sinal de depravação, e assim deve ser a razão última da inflação.”⁴⁷
- lxxii) “Num **mundo de doutores em instabilidade de preços**, em que todos pudessem ler o futuro da inflação na palma das mãos, essa conjectura se transformaria em realidade.”⁴⁸
- lxxiii) “Hoje, déficits bem menores ameaçam levar o país à hiperinflação. Explica-se esse fenômeno com uma resposta bem simples: a inflação é um imposto que se arrecada tanto mais facilmente quanto menos a população entenda do assunto. **Há 28 anos éramos principiantes na matéria**, e 80% da alta anual dos preços permitia que o governo coletasse 4% do PIB a título de imposto inflacionário. Hoje, **somos uma**

⁴² É hora de começar o desmonte da correção. Exame, ano 25, no. 15, 21/07/1993.

⁴³ O inventário da década perdida. Exame (edição especial), 04/03/1992.

⁴⁴ O plano Cavallo não nos serve. Exame, ano 23, n. 4889, 02/10/1991.

⁴⁵ O que fazer para evitar a inflação em real. Exame, ano 26, 30/03/1994.

⁴⁶ Quanto a inflação custa no Brasil. Exame, ano 26, no. 11, 25/05/1994.

⁴⁷ Fechar não é só uma velha idéia. É tola. Exame, maio 1994.

⁴⁸ O plano Cavallo não nos serve. Exame, ano 23, n. 4889, 02/10/1991.

população de mestres e doutores em inflação, conhecendo inúmeros truques para sonegar esse imposto iníquo.”⁴⁹

lxxiv) “De fato, após quatro choques frustrados, duas conclusões se insinuam naturalmente: ou os economistas heterodoxos não sabem combater à inflação ou **a sociedade já descobriu que o que se passa no cérebro dos economistas heterodoxos**. Ou seja, **as cobaias reagem como se fossem os experimentadores**, e a única utilidade dos choques é confirmar o comportamento de nossos doutores em heterodoxia econômica.”⁵⁰

Como uma última classificação, pode-se chamar a atenção para uma visão mecanicista da economia em alguns momentos, às vezes até contemplando um keynesianismo hidráulico. É o caso, exemplo, do nome de uma das componentes de seu modelo de realimentação⁵¹, a componente de regulagem de demanda, que pressionaria a inflação de acordo com pressões de política econômica. Além desse caso, podemos elencar, ligados à análise da inflação, outros casos em que se apelou para linguagem mecânica:

lxxv) “A história recente da América Latina mostra que manipular a taxa de câmbio para **frear a inflação é pecado mortal que só se expia com muito sofrimento**.”⁵²

lxxvi) “Na realidade, foram apenas **os relógios da inflação que passaram a girar mais depressa**.”⁵³

lxxvii) “Isso não significa que o combate à inflação esteja fadado ao fracasso. Mas o Banco Central tem de pilotá-lo em vôo visual, pois as **bússolas e os altímetros** deixaram de funcionar.”⁵⁴

lxxviii) “O que o ministro Fernando Henrique Cardoso e sua equipe desejam, com a proposta do indexador único, é **desmontar essa máquina de fazer inflação** que é a mistura da atual legislação salarial com a regra de indexação cambial.”⁵⁵

lxxix) “Mas da destruição de uma **engenhoca heterodoxa** que sabota qualquer tentativa de combate à inflação.”⁵⁶

⁴⁹ O plano Cavallo não nos serve. Exame, ano 23, n. 4889, 02/10/1991.

⁵⁰ A revolução das cobaias. Exame, ano 23, n. 473, 20/02/1991.

⁵¹ De acordo com o modelo de realimentação de Simonsen, a taxa corrente de inflação seria explicada por três componentes: uma componente autônoma, exógena; uma componente de realimentação, que introduz a idéia de inflação inercial e a componente de regulagem de demanda.

⁵² À Margem das Malvinas. Carta Mensal Convenção, jun. 1982.

⁵³ A encruzilhada. Simposium, ano 2, n. 19, set/out/ 1983.

⁵⁴ A confiança tem de ser restaurada. Exame, ano 22, n. 7, 04/04/1990.

⁵⁵ O que é que Fernando Henrique pretende. Exame, ano 25 no. 25, 08/12/1993.

⁵⁶ O que é que Fernando Henrique pretende. Exame, ano 25 no. 25, 08/12/1993.

lxxx) “Um primeiro exemplo é fornecido pelos déficits públicos, que até a década de 1980 **foram um dos principais motores da inflação.**”⁵⁷

Por último, podemos chamar a atenção para a sobreposição das classificações, e de muitas outras metáforas, analogias e outros recursos de linguagem utilizados que não se encaixam em nenhuma das classificações propostas, como:

lxxxix) “**São Pedro** continua sendo um caprichoso **agente da desinflação** a curto prazo.”
(SIMONSEN, 1970, p.14)

lxxxii) “Como lembraria Roberto Campos, **uma pequena inflação** (o que não é o caso de uma alta de preços de 20% ao ano) **se assemelha a uma pequena gravidez.**”
(SIMONSEN, 1970, p.14)

lxxxiii) “A política monetária tem o seu ciclo de atuação, que **submete a economia a um purgatório** antes de conduzir à **Terra Prometida da calmaria de preços.**”⁵⁸

lxxxiv) “É preciso que as **elites brasileiras se envergonhem da inflação.**”⁵⁹

lxxxv) “A taxa de câmbio foi estabilizada e a **inflação desapareceu como por encanto.**”⁶⁰

lxxxvi) “Como **inflação não enche a barriga de ninguém**, muito menos a dos assalariados, a teoria se baseava numa **hipótese indigesta de comportamento irracional dos sindicatos**, e por isso começou a ser gradualmente desacreditada.”⁶¹

lxxxvii) “o país se enveredou pela política de gradualismo a passo de cágado.”
(SIMONSEN, 1970, p. 21).

⁵⁷ Uma agenda para o próximo governo. Exame, ano 25, no. 20, 28/09/1994.

⁵⁸ O Alcance da política monetária. Carta mensal Convenção, jun. 1981.

⁵⁹ O que fazer para dar a volta por cima. Brasil em Exame, maio 1993.

⁶⁰ Num BC independente, o presidente não tem vez. Exame, ano 25, n. 10, 12/05/1993.

⁶¹ A chave do cofre não é bem público. Exame, ano 24, n. 23, 11/11/1992.

CONCLUSÃO

A escolha da linguagem, a priori sem influência prática imediata, parece ter uma importância indireta. Ao influenciar a audiência, ela permite ao economista influenciar políticas públicas, moldar o debate em seu favor. Grande parte das metáforas e analogias relacionadas à inflação é negativa, indicando uma predisposição daqueles que as utilizam para adiantar uma agenda em favor de políticas de estabilização, sendo essas metáforas mais uma maneira de convencer principalmente o grande público desse objetivo.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), o conteúdo verdadeiro relacionado a uma metáfora assume uma importância secundária em relação ao curso de ação que essa levará, já que essas moldam as percepções e inferências que temos do mundo, as metas, compromissos e planos que traçamos e executamos.

No caso de Simonsen, o grande objetivo era tentar convencer a audiência dos efeitos nocivos da inflação sobre a economia, algo que moldou sua carreira e sempre esteve presente em seus escritos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arida, P. A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica. In: Gala P. e Rego, J. M. (orgs.), A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica, São Paulo: **Editoria 34**, [1984], 2003.
- Backhouse, R. Rhetoric. In: Davis, J, Hands, D., e Maki, U (orgs.) **The Handbook of Economic Methodology**, Elgar, 1998.
- Boumans, M; Davies J. Economic Methodology: Understanding Economics as a Science, **Palgrave MacMillan**, 2010.
- Henderson, W. Metaphor. In: Davis, J, Hands, D., e Maki, U (orgs.) **The Handbook of Economic Methodology**, Elgar, 1998.
- Johnson, Mark, and George Lakoff. Metaphors we live by. **University of Chicago**, 1980.
- Lessa, C.; Earp, F. S. Mais Além do II PND: O Instituto de Economia da UFRJ. In: Coelho, F. S. and Szmrecsányi, T. **Ensaio de História do Pensamento Econômico no Brasil Contemporâneo**, São Paulo: Editora Atlas, 2007.
- Malheiros-Poulet, Maria Eugenia. Os processos metafóricos do vocabulário da inflação no Brasil. **Organon** 9, no. 23, 1995.
- McCloskey, D. Storytelling in economics. In Christopher Nash (ed.), Narrative in culture. The uses of Storytelling in the sciences, philosophy, and literature. London: **Routledge**, 5-22, 1990.
- McCloskey, D. The rhetoric of economics. **Journal of Economic Literature**, vol. 21, no. 2, pp. 481-517, jun. 1983.
- Olivera, P. Metaphor and translation: A case study in the field of Economics. **La traducción: orientaciones lingüísticas y culturales**. Valladolid: SAE, 1998.
- Paulani, L. Modernidade e Discurso Econômico: ainda sobre McCloskey. **Revista de Economia Política**, vol. 19, no. 4, pp. 78-95, outubro-dezembro, 1999.

Paulani, L. Economia e Retórica: o capítulo Brasileiro. **Revista de Economia Política**, vol. 26, no. 1, pp. 3-22, janeiro-março, 2006.

Simonsen, M.H. Inflação: Gradualismo X Tratamento de Choque. **APEC**, Rio de Janeiro, 1970.

Simonsen, M.H. Política Anti-Inflacionária – A Contribuição Brasileira. **Ensaios Econômicos da EPGE**, no. 6, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973.

Simonsen, M.H. A Inflação Brasileira e a Atual Política Anti-Inflacionária. **Mimeografado**, 1979a.

Simonsen, M.H. Teoria da Inflação Política Anti-Inflacionária. **Mimeografado**, 1979b.

Simonsen, M.H. Dinâmica Macroeconômica. **McGraw-Hill**, São Paulo, 1983.

Simonsen, M.H. Contratos Salariais Justapostos e Política Anti-Inflacionária. **Revista de Econometria**, vol. 5, no. 2, pp. 5-32, novembro, 1985.

Walliser, B. Analogies. In: Davis, J, Hands, D., e Maki, U (orgs.) **The Handbook of Economic Methodology**, Elgar, 1998.

Weinstein, M. Economists in the Media. **Journal of Economic Perspectives**, vol. 6, no. 3, pp. 73-77, summer, 1992.